

Geisel no trilho da democracia

RIO — "Por que tomou a iniciativa de promover a abertura política lenta e gradual? Quais foram as medidas de avanço feitas na política externa brasileira durante seu mandato? E como a estratégia de desenvolvimento se relacionou com a crise do petróleo?"

Estas são as três perguntas que o ex-presidente Ernesto Geisel responde nos 11 minutos da primeira entrevista que concede sobre seu governo, dada ao seu ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso, na estréla da série "O Último Trem para Paris". Que ninguém espere revelações bombásticas, alerta o entrevistador, "pois o objetivo da entrevista foi permitir a Geisel um depoimento de avaliação de seu manda-

to e dos motivos que deram origem a chamada abertura".

Seguindo a linha de suas declarações ao longo do mandato, que foi de 1974 a 1979, o ex-presidente reitera que o objetivo de seu governo foi, desde o início, recolocar o País no caminho da normalidade democrática e que a gradualidade desse processo visava, justamente, garantir o aperfeiçoamento seguro da democracia. Cita, também, algumas decisões que foram vistas como verdadeira reviravolta na política externa: o fato de o Brasil, até então alinhado com o regime salazarista de Portugal, ter sido o primeiro país a reconhecer a independência de Angola; o restabelecimento de relações diplomáticas com a China

Popular; o incremento comercial com o Leste europeu; e, principalmente, o fim da tradição de quase três décadas de alinhamento automático com os Estados Unidos, com o rompimento de acordo militar de 1952, respondendo tanto às pressões de Jimmy Carter, então na Casa Branca, para que o Brasil desistisse do acordo nuclear com a Alemanha Ocidental, quanto às acusações do Congresso norte-americano sobre ocorrências de violação dos direitos humanos. Finalmente, Geisel avalia positivamente a política rumo ao crescimento aplicada após a crise do petróleo, com o II Programa Nacional de Desenvolvimento (PND), elaborado pelo próprio Reis Velloso.